

908.469.331/CRU
9/11
Maná Irma Caratão da Cruz

*Ja' em 1947
Linha de pesquisa*



MONOGRAFIA
DE
F R A T E L

(Cadeira de Geografia Humana - Fac. de Letras de Lisbon)

AO ABRIR

Apenas duas palavras ao iniciar êste pequeno trabalho:

Qual o motivo que me levou a esboçar êste pequeno quadro geológico e típico desta aldeia da Beira Baixa ?

Não foi decerto o amor à terra que me serviu de berço e que eu desejava fazer conhecer. O nome do meu torrão natal eleva-se já muito alto, qual farol guiando todo o passado do glorioso povo português. Debruçado sôbre o estuário do Tejo dedicaram-lhe seu talento os nossos maiores escritores.

A minha pena ainda tão hesitante não ousaria vôo tão alto. Amedronta-me a grandeza da minha vetusta cidade de Lisboa. E afinal a aldeia beirã ligada à capital pelo fio prateado do Tejo é o ^{símbolo} túmulo do laço que me prende à terra dos meus antecessores.

Aí nasceram meus avós e aí costumava ir passar uma boa parte das minhas férias grandes.

O fratelense nunca esquece a sua terra e se longe dela na labuta diária consegue alguns dias de descanso os seus olhos voltam-se imediatamente para êsse pequenino oásis e aí entre

os seus conterrâneos e o ar puro dos campos que rescendem a estêva e rosmaninho, encontra a calma e o sossêgo de que necessitam seus nervos, o verdadeiro tónico que lhe garantirá um novo período de intenso e ardúo trabalho.

Os seus habitantes são acolhedores e é interessante ver a colónia que reside em Lisboa, procurar durante os meses de estio a sombra protectora da casa aldeã arrastando muitas vezes consigo os amigos da capital que, caso curioso, não é geralmente a última vez que aí voltam.

Não há cinema, não há qualquer divertimento, exceptuando o habitual bailarico ao som da concertina, nada atrai à primeira vista o olhar do viajante, a não ser o ambiente fraternal e aberto do seu povo.

E, quantos fratelenses de olhos postos na pequena pátria, não suspiram pelo dia em que de posse da sua reforma possam voltar novamente à terra que foi seu berço e passar aí numa doce paz o resto da sua vida.

Não foi, devo confessá-lo, o contacto frequente com o Fratel, que me despertou o desejo de o analisar melhor, de o conhecer verdadeiramente. Foi a alma dos descendentes fratelenses, lisboetas como eu, mas que apreciando de uma maneira singular, a terra de seus avós que me deram a conhecer aquilo que apesar de familiar me era completamente desconhecido.

Em amenas conversas, em belos passeios pelos campos fui colhendo muitos elementos úteis que agora com o auxílio de um pequeno estudo intitulado -Contraste da nossa Terra- e uma página colhida no guia de Portugal, me irão orientar neste ensaio monográfico sôbre a típica Aldeia de Fratel.

(10)

K
A

REPUBLICAN PARTY

STATE OF TEXAS

C A P I T U L O I

FRATEL: SUA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

SOLO E PAISAGEM

A povoação de Fratel fica assente num planalto de 300 m. de altitude.

Do azul do horizonte correndo de SW. para NE. recorta-se a NW. a serra da Sobreira. Na sua vertente sul, aquela que se avista da charneca a que o povo chama Janóme (segundo a tradição deve tratar-se de uma palavra francesa deturpada pelo povo), erguem-se em pequenos tufos, massiços de arvoredo rodeado de uma aglomeração de habitações humanas.

Perpendicularmente a esta serra e a Nordeste da aldeia ergue-se a serra do Perdigão ou Vila Ruivas, que toma vários nomes segundo as povoações que lhe estão próximas cortada pelo Tejo nas vélhas Portas de Rodão, dois penhascos enormes a comprimirem numa garganta apertada, as águas do Tejo.

No alto desta serra, confundindo-se com o céu dois portinhos quase indistintos: são a silhueta escura do velho Castelo mouro em ruína, de grossas paredes de granito e a frágil

capelinha branca da Senhora do Castelo.

Uma vez desce as encostas até à igreja e capelinha que há no alto da serra de São Martinho para proteger ainda as suas propriedades contra os ventos barbaquães.

Lagoa de Senhora do Castelo.

Quando não havia ventos de Leste, as embarcações iam para o rio Tejo. Com o vento que se levanta ali, as embarcações são obrigadas a voltar para o rio Tejo. As embarcações fechadas. Não se pode ir para o rio Tejo sem a presença obrigatória do capitão de Tejo, porque é necessário um homem de mar, e também com o barco. São obrigados a voltar para o rio Tejo.

As Portas - de - Rodão

O rio aqui é bastante tumultuoso, a água forma no seu percurso vários cachões tornando difícil a navegação.

Os morros das Portas de Rodão sofrem incessantemente, tanto a acção nociva das águas como a do sol, da chuva e do vento na parte mais proeminente. No inverno, com as cheias as águas do Tejo aumentam extraordinariamente de volume e força, e caindo com grande violência provocam remoinhos.

Diz-se então que as Portas estão fechadas e a sua tra-

vessia é uma aventura arriscada.

Com uma dessas cheias está ligada a capelinha que lá do alto da serra de Vila Ruivas parece proteger ainda na sua arriscada faina os nossos barqueiros.

Lenda da Senhora do Castelo

Quando não havia caminho de ferro, os transportes eram feitos por via fluvial. Conta a lenda que um arrais exigira aos barqueiros que seguissem com um barco carregado de cortiça. As portas iam fechadas. Num supremo apelo à sua fé, os pobres invocam desesperadamente o auxílio da Virgem, prometem edificar-lhe uma capela na serra, e avançam com o barco. Este submerge-se e ~~desaparece~~ pouco adiante, junto à praia da Fonte das Virtudes. E oh milagre! Sõmente desaparece o barrete dum pescador! Maravilhados erguem os olhos para a serra e vêm então, sentada numa cadeira aberta na rocha, a imagem de Nossa Senhora que, sorrindo, parece abençoá-los.

Uma capelinha humilde e simples, de tecto muito baixo, ficou mostrando à posteridade o reconhecimento e a gratidão dos pobres barqueiros. Dentro, num pequeno altar pobremente cuidado, a milagrosa imagem abençoa os povos que em Agosto vão festejar a Senhora do Castelo.

*Apresentado já
Recolha de Vila Ruivas
Prof. V. J. J. J.*

Solo e paisagem

Geologicamente o Fratel fica situado na faixa do câmbio que se estende ao norte do Tejo. De constituição essencialmente xistosa a povoação tem imprimido nos materiais empregados êsse cunho. Por toda a parte enormes pedreiras.

O solo é pobríssimo. Pode-se dizer que não recompensa o trabalho do homem. Todos os anos se deve variar de sementes para não cansar o terreno e até há quem o deixe em repouso um ano.

Extensos matagais têm sido devastados e é vê-los oferecer ao sol escaldante de Junho as suas searas ondulantes.

E quando o trigo produz a 10 sementes, já o lavrador está contente.

A paisagem é fatigantemente monótona: filas intermináveis de cabeços áridos, pedregosos ou cobertos de oliveiras que com os carrilhos para suporte das terras lembram degraus ligando a terra ao céu, outeiros e colinas, valerias e pro-

fundos barrancos espraíam-se indefinidamente pela fita larga da actual estrada que liga a estação à aldeia.

De vez em quando e à medida que nos aproximamos do casario espreitam vinhas e viçosas hortas, cuidadosamente cultivadas.

Mas quem tomar a estrada que conduz a Vila Velha do Rodão verá desenrolar-se um panorama não muito diverso deste. A estrada estreita vai cortando a serra em contínuas e apertadas curvas, primeiro subindo e depois descendo, junto a uma profunda e escabrosa ribeira a que o verde pardo das oliveiras empresta maior melancolia e solidão.

Depois num terreno já mais plano um caminho mais amplo passa-se junto à pequena povoação de Vila Ruivas e eis-nos novamente subindo serras (a serra do Perdigão) de profundos mas risonhos vales onde a folhagem sempre fresca das laranjeiras, com suas garridas e também saborosas laranjas põem uma nota alegre na paisagem.

A estrada vai subindo; já muito próximo do cume oferece ao viajante a deslumbrante vista do Tejo, o relêvo do Alentejo numa extensão quanto a vista possa abranger.

ALGUMAS TERRAS E BARRIOS DA CIMA

A cidade de Foz de Iguaçu possui uma vasta e rica paisagem de montanhas e cachoeiras.

Entre as montanhas de granito mais importantes estão: Morro da Cima, La-deima, Sardinha, Marçal, Sertão, Vale de Figueira, Vila de São, Vale de Bozano, Pinoleto, Morro de Baixo - Barroto, São João, São Pedro, São Paulo, Varzea e Uruguai.

C A P Í T U L O II

A cidade de Foz de Iguaçu possui uma vasta e rica paisagem de montanhas e cachoeiras.

A ALDEIA: RUAS, TERREIROS E ROSSIO. A CASA

A aldeia de Fratel de 1 milhar de habitantes é sede de freguesia.

Estão anexos os seguintes povos: Montes de Cima: Ladeira, Perdigão, Marmelal, Montinho, Vale da Figueira, Vilar do Boi, Vale da Bezerra, Piroledo, Montes de Baixo - Gardete, Silveira, Riscada, Juncal, Vermum e Grepa.

Está dividida a povoação em 3 bairros: ALDEIA CIMEIRA, CASAS DE MEIO E ALDEIA FUNDEIRA.

A Aldeia Cimeira, a mais pobre e também a mais populo-

sa é constituída por casas baixas, tão baixas que em muitas até pode chegar-se com a mão ao beiral do telhado.

Por fóra são raramente caiádas à excepção das umbreiras das portas e de 1 ou 2 janelas, que a casa tem.

As ruas tortuosas e tão estreitas que nalgumas não consegue passar um carro de bois, têm um péssimo calcetamento, muitas vezes substituído pela rocha nativa.

As casas de Meio, como o nome indica, estabelecem a ligação entre a aldeia Cimeira e a Aldeia Fundeira à qual dá acesso um grande largo.

Deste largo chamado Rossio incidiam várias ruas.

No centro tem um marco fontenário e em frente ergue-se a Igreja.

Na Aldeia Fundeira aparecem com mais frequência as casas caiádas, com chaminés e já com primeiro andar.

As ruas, embora ainda estreitas são menos turtuosas e estas um pouco melhor calcetadas com calháus de conglomerados da Portela das Canas.

A rua principal deste bairro, a Rua da Fonte vai dar, como o seu nome indica, a uma das três fontes de que disfrutam os habitantes, e ao edifício escolar que fica situado numa pla-

Ex capela que aparece nos mapas de Portugal. Refere-se aos muros
reiros, na quadra de legoa onde antigamente se havia os muros
laricos de gente nova.

Uma casa em na Aldeia Caneira, entre as terras de
Carvalho e de na Aldeia Figueira. Há um já desapareceu - o
terreiro de Carvalho.

A habitação é uma das casas que caracterizam mais as
aldeias na zona da região.

taforma onde em 1940 se colocou o cruzeiro comemorativo e que
tem em frente uma capelinha - A
Capela do Espírito Santo.

As aldeias têm uma em duas igrejais. Quando se trata de
propriedade comunitária, a casa é inventada. O primeiro a dizer
que, regra geral, não tem. É a casa é comunitária tem
além disso, a escola que há de ser a casa da comunidade
da região.

A escola é frequentada não
só pelas crianças da aldeia como
também por algumas dos povos mais próximos. Há ainda uma no-

ta curiosa que aparece nas ruas de Fratel. Refiro-me aos terreiros, um quadrado de lages onde antigamente se faziam os bailaricos da gente moça.

Eram cinco: um na Aldeia Câmeira, outro nas Casas do Correio e três na Aldeia Fundeira. Mas um já desapareceu - O terreiro do Carrascal -.

A habitação é uma das notas que caracterizam mais facilmente um povo ~~em~~ uma região.

A casa fratelense possui muitas características: numa grande maioria não são caiadas exteriormente, umas pinceladas na umbreira das portas e janelas é tudo. São também em grande parte térreas, de janelas pequenas. Em frente da porta há geralmente um corredor estreito, onde vêm abrir as portas de outros compartimentos e que estabelece ainda ligação entre a rua e o quintal e até entre a rua e o palheiro.

Os telhados têm uma ou duas águas. Quando os bens do proprietário aumentam, a casa é levantada. O primeiro andar, tem, regra geral, duas janelas. E a casa é construída com primeiro andar, a escada que lhe dá acesso fica em frente da porta da rua.

Interiormente a casa é caiada e o rez-do-chão é geralmente coberto de lages.

No primeiro andar o chão é sempre de madeira.

As casas são construídas de maneira a ocupar o mínimo espaço possível e não há nenhum canto que não seja aproveitado. No sótão -Sôbre cama- como lhe chamam, guardam-se batatas, cebolas e abóboras. No vão das escadas, fica a dispensa ou guardam-se ferramentas.

Devido ao seu pequeno espaço poucos têm quintal, ficando a poalga, a -furda- e os palheiros pelas paredes mais próximas, que são, pode dizer-se, a continuação da aldeia.

Esses palheiros têm apenas uma única abertura, e já se vê, nunca são caiados.

Há quarenta ou cinquenta anos a Aldeia deve ter tido uma fase de progresso que se perdeu.

De 1920 a 1931 não houve progresso algum. De 1931 a 1944 houve grandes progressos: estradas, novos edifícios, melhoramentos nos templos, sobretudo na Igreja paroquial, que foi interiormente restaurada; pintados os altares, imagens e portas novas, construção de pontes, C.T.T., etc.

O cemitério novo deve ter trinta anos aproximadamente. As ossadas do cemitério velho foram transladadas para o novo. Só ficou a pedra tumular brasonada do capitão Pina que em 1930 passou para a estrada da Igreja e depois foi retirada para uma arrecadação.

CONSTITUÇÕES

Há costumes feudais bem curiosos nas que a féria
cristã do tempo parece perder-se destruída.

Muitos destes já não se encontram e é pelo testemunho de
algumas pessoas que se recebem das aldeias, que os seus
preciosos conhecimentos acerca de sua tradição são completamente
esquecidos.

C A P Í T U L O I I I

princípio tratado. Assim, no entanto, a vida moderna de
fora cidade.

Falamos no capítulo anterior das aldeias e vilarejos. Mas
de a gente não sabe que existem no interior de cada uma das
prais antigas. Para essas aldeias não existem as regras
de modo a não se repetirem as mesmas coisas que se
repetem em qualquer parte e elas transpõem o espaço. Cada uma
de suas aldeias e vilarejos próprios. Hoje as aldeias estão
abandonadas. As vezes são abandonadas de um tempo para
outro de aldeias que vivem e se desenvolvem, algumas
aldeias de aldeias.

-COSTUMES FRATELENSES-

Há costumes fratelenses bem curiosos mas que a fúria vândala do tempo parece porfiar em destruir.

Muitos deles já não os conheci e é pelo testemunho de algumas pessoas que as recordam com saudade, que colhi estas preciosas informações acerca duma tradição caracteristicamente beirã.

Não são inumeradas por ordem, não obedecem a qualquer princípio traçado. Nomeá-los-ei conforme a minha memória me fôr ditando.

Falei no capítulo anterior nos célebres terreiros onde a gente moça aos domingos de tarde bailava ao som das próprias cantigas. Pois êsses terreiros eram feitos do seguinte modo: todas as raparigas solteiras davam uma lage que os rapazes iam arrancar e elas transportavam à cabeça. Cada bairro tinha o seu bailarico próprio. Hoje os terreiros estão abandonados. Às vezes são acordados do seu torpor pelos pezitos da gaiotada que ensaia aí os primeiros passos, futuras bailadeiras de amanhã.

Na quinta-feira das comadres escreviam-se umas rifas com os nomes de rapazes e das raparigas. Tirava-se depois à sorte o nome duma rapariga e dum rapaz que ficavam sendo compadres.

No Domingo de Páscoa eles dão às comadres amendoas e esta retribui-lhe por uma vez com um presente à sua escolha.

De Julho a Agosto, pelas tapadas próximas ouve-se o bater das gramadeiras, os risos e o canto alegre das noças.

Crianças buliçosas brincam por ali. São estes emissários descalços e lam cuidados que são encarregados de levar às outras gramadeiras ou às pessoas mais representativas da terra, as agulhas (um pedaço de aresta do linho). Em troca mandam-lhes os maias (um ramo de flôres). A hora da cesta a raparigada visita as gramadeiras para avaliar o bom gosto da sua ornamentação e passar em ameno cavaquear as horas mais abrasadoiras dos longos dias de verão.

Era também costume entre os rapazes collocarem no Rosio um pinheiro encimado por um galho de folhas; e os mais valentes trepavam pelo tronco e iam collocar a sua fita lá no topo.

-o-

A carne de porco velho tem de chegar até ao dia em que se mata o outro, seria considerada ~~que~~ mal governada a

dona da casa que o não conseguisse. Costumavam mesmo bater com a carne velha na do porco que se acabava de matar e diziam: -Anda lá que ainda chegaste à nova-.

-0-

Todos os sábados da quaresma os rapazes de madrugada em duas filas iam cantar pelas ruas a Avé-Maria. Por sua vez as raparigas, neste mesmo tempo, costumavam encomendar em verso à noite as -almas-; mas nem todas serviam. Exigia-se que tivessem boa voz.

Os bolos fratelenses têm também a sua tradição. E é interessante verificar como se harmonizam com as principais riquezas da região: o azeite e o mel (este último devido ao desbravamento dos terrenos vai escasseando de ano para ano).

Pelo Natal manda a tradição que se façam filhós que são óptimas com uma calda de mel.

Pelos baptizados deve-se convidar muita gente.

De volta da Igreja, o acompanhamento fica à porta e aí lhes é servido vinho e entre outros bolos, nógados que também levam uma calda de mel.

Quando há casamentos novamente se deve convidar os parentes e amigos para acompanhar os noivos à Igreja e oferecem-lhes -cavacas- e broas de mel. No dia da malha é tam-

bém uso fazer-se 'pantufas'.

No dia de todos os Santos, é costume os padrinhos oferecerem aos afilhados, um pão ou um 'bolo dormente'.

Nas zangas entre o mulhero é também frequente em certa altura da discussão uma delas ir a casa buscar uma panela e pô-la no meio da rua e dizer: - Panela que tens tão grande bôca como ela -

É tão rico e variado o seu folclore que não mais acabaria.

Para terminar, apenas citarei a festa anual do Sagra-

do Coração de Jesus, que se reveste de grande solenidade: um

tríduo preparatório, procissão e comunhão solene das crianças.

corpo muito grande das pedreiras, é um dos factos principais para o povo.

Em suma, que a grande levadura e calor de cá, fazem coisa, e os repartidos fazem de facto muito de quanto vão passando no que não se vê a no arrial é noite no Brasil.

Sei também de exportar interesse e trabalho típico que as mulheres usam para ir à missa.

As fotografias de e mais, mostrando tudo

mais.

A feira de S. Matens, que dura dois dias e à qual corre muita gente das redondezas, é um dos factos principais para o povo.

Na semana que a precede lavam-se e caíam-se as casas, fazem bolos, coze-se pão; as raparigas fazem os fatos novos enquanto vão pensando no que irão enfeitar e no arraial à noite no Rossio.

Não deixará também de despertar interesse o traje típico que as mulheres usam para ir à missa.

As fotografias, ao lado e abaixo, mostram-nos êsses

trajos.

A HORTA. - OUTRAS CULTURAS:

A OLIVEIRA, O TRIGO, O LINHO

Uma horta é um pedaço de terra maior ou menor segundo a fortuna dos donos, rodeada de uma tosca parede. Em qualquer recanto um poço empedrado só por dentro; à volta plantam-se hortaliças e semeiam-se legumes. Entre as plantas dispostas em linhas paralelas abrem-se rêgos que vão ter a um rêgo principal, por onde a água circula desde o pôço à extremidade do canteiro.

Com o auxílio de uma picota tira-se a água do pôço que se despeja no rêgo principal. Outra pessoa vai abrindo um rêgo e tapando outro de maneira a que todos chegue o precioso líquido.

Frequentemente são as próprias crianças que fazem este trabalho.

Só quem conhece profundamente a vida fratelense pode compreender o papel que a horta ali representa. É o

fulcro da vida da família, o armazém das subsistências. Lá se cultivava a couve, a vinha, a figueira e até por vezes a oliveira, enfim toda a riqueza do fratelense.

A couve é um dos principais alimentos do habitante. O mesmo acontece com o figo. E além disso vivem também ~~de~~ engordar os porcos.

Passemos agora a referirmo-nos à principal riqueza da região: a oliveira. Antigamente era somente plantada nas valas, mas a olivicultura está agora povoando todas as encostas. A árvore é protegida com uma calçada ou carrilho para que as enchurradas não arrastem consigo a terra solta e arenosa que cobre o terreno.

Outrora o linho também ocupava grande parte da área destinada à agricultura, dando lugar a uma indústria absolutamente caseira: a fiação e tecelagem do linho.

A antiga mulher fratelense herdada as velhas tradições da mulher romana, fiava e tecia as camisas e outras roupas de casa. Hoje preferem vender o linho depois de grando e comprar os tecidos depois de manufacturados.

E o linho vai cedendo o campo à cultura do trigo.

O solo de Fratel é hostil à cultura deste cereal. Ultimamente, em consequência dos maus anos agrícolas as searas

pouco têm produzido, não chegando mesmo a dar mais que sete sementes.

Por isso não chega para alimentar o povo, mas os fra-
telenses têm que arranjar pão para todo o ano. Que fazem en-
tão? No tempo das ceifas vai para o Alentejo ou Espanha to-
da a população masculina, mesmo aquêles que têm também o seu
ofício e só trabalham nos 'seus bocadinhos'.

São os chamados 'ratinhos da Beira' que vão aos celei-
ros do Alentejo e de Espanha buscar pão a troco do seu trabalho.

CARACTERES DO POVO FRENTEIRO

IDEIAS, SENTIDAS, E SENTIMENTOS DE ACTIVIDADE

INTRODUÇÃO

É preciso fazer bastante tempo para dar por fim uma ideia geral das principais características que definem o povo de Fronteira.

O Fronteirense é utilitarista e previdente. Não vive o presente, preocupa-se abundantemente o futuro. Por uma hora, não vive, mas trabalha para o futuro.

C A P Í T U L O V

Trabalhar, viver de amanhã, não é o único modo de vida do habitante de Fronteira.

Não há nada de excessos das coisas. Portanto, fazendas de pequena e média e sempre o mínimo espaço possível. Porquê não fazer um terreno de 100 metros e abastecer a família e a lavoura? Não há nada de excessos e aborrecer por completo a vida. Não há tempo para se preocupar com o futuro. Até a própria mulher, o sexo feminino, não se preocupa com o futuro. O trabalho é a vida, a atividade, a honra, etc. etc.

É ainda preciso no futuro que o Fronteirense seja mais...

CARACTÉRES DO POVO FRATELENSE:

IDEAIS, CRENÇAS, E GÊNEROS DE ACTIVIDADE

EMIGRAÇÃO

A traços largos tentarei dar por fim uma ideia geral das principais características que definem o povo de Fratel.

O Fratelense é utilitarista e previdente. Não vive o presente, preocupa-o obsecadamente o futuro. Ter uma herdã, uma casa, umas oliveiras... não precisar de trabalhar para ninguém, viver do amanhã dos -seus bocadinhos- eis o sonho de todo o habitante de Fratel.

São caros os assentos das casas. Portanto, fazem-se de maneira a ocupar o mínimo espaço possível. Porque não pensam em torná-la atraente e agradável? Porque o continuo afã e a lembrança do dia de amanhã o absorvem por completo e não lhe deixam tempo para se prenderem ao belo. Até a própria mulher, o sexo frágil, tem de multiplicar-se para atender simultaneamente à casa, à criação, à horta, etc. etc.

É ainda pensando no futuro que o fratelense constitui o seu lar. E o espírito utilitarista da família procura que a

rapariga tenha 'alguma coisa de seu' . Antigamente era mesmo indispensável, mandava S. Ex^{sa}. a Tradição, que não se realizasse o casamento sem que possuisse uma casita e um horta. Por isso a propriedade está tão dividida.

E que profunda influência exerce a pobreza do solo no espírito e actividade dum povo ?

Quanta canceira não dispende o Bbaço humano para dirar da terra o magro sustento para a população ! Não admira na verdade que o lavrador tenha tanto amôr à terra pois vê em cada recanto cultivado o fruto do seu suor.

O trabalho do campo não o eleva acima de uma mísera abastança e o ideal de independência característica deste povo leva-o a procurar outra ocupação: sapateiro, alfaiate, carpinteiro, pedreiro, etc. Mas de manhã poucos trabalham no seu officio. A horta lá está a chamá-los e ao romper do dia por todas as veredas e caminhos se encontram homens de enxada ao ombro, mulheres com o 'caldeiro' á cabeça seguidas dos filhos mais crescidinhos.

E a aldeia assim deserta parece dormir profundamente até manhã alta.

Mesmo algumas lojas, essas lojas das pequenas povoações que vendem desde o café e o açúcar até às brochas para as botas, se encontram cerradas.

O fratelense é profundamente crente, espera em Deus e a atestar essa crença, lá estão três capelas e a Igreja. Número bastante elevado para tão pequena população.

O casamento é sempre religioso; não me lembro nunca de ouvir dizer que qualquer pessoa casou na terra civilmente. E é talvez por assentar em bases tão sólidas e viver rodeado de montanhas que os laços de família se estreitam mais, sendo raro um casal separar-se.

Pensa-se nos filhos, todos ambicionam vê-los viver um dia desafogadamente.

Mas torna-se difícil. A população aumenta, a terra cada vez mais repartida exige tanto suor, tantas canceiras, que o homem sai da aldeia, emigra para a África, para o Brazil ou refugia-se na capital. É enorme a colónia fratelense em Lisboa, todos os dias aumentam, os campos vão ficando desertos.

Mas êsses laços que nos unem estreitam-se mais aqui.

Vivem unidos, não esquecem que são filhos do mesmo torrão que deixaram na Beira. E quando podem, lá vão matar saudades... Arranjar a casinha pequenina se as reservas já lhe dão para isso. Pensam sempre na terra e mesmo na cidade o seu ideal mantem-se firme: Aumentar a sua propriedade, mais uma horta, mais oliveiras.... Viver o resto dos seus dias, na doce tranquilidade de quem está certo de ter o necessário para

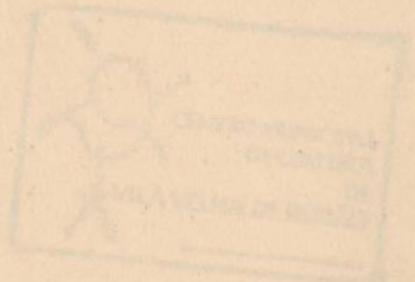
comer.

Cheguei ao fim do meu trabalho.

Não sei se terei conseguido o meu intento. Mas creio que alguma coisa consegui, que terei dado, embora em caracteres mal definidos, as essências características da Aldeia de Fratel e dos seus laboriosos habitantes.

Contrastes da nossa terra.

Guia de Portugal.



BIBLIOGRAFIA

Contrastes da nossa terra.

Guia de Portugal.

